

## PERFIL DE UMA ESCOLA DE ENFERMAGEM DO SUL DO BRASIL NO PERÍODO DAS FUNDADORAS<sup>a</sup>

Adriana FERTIG<sup>b</sup>

Ida Haunss de Freitas XAVIER<sup>c</sup>

Luccas Melo de SOUZA<sup>c</sup>

### RESUMO

Fundada em 1950, a Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi a primeira escola de enfermagem do Estado, sendo, até hoje, referência na formação de enfermeiros no sul do Brasil. O objetivo desta investigação foi caracterizar o perfil do curso no início da década de 50 e analisar as influências exercidas por estas características na criação e na consolidação da Escola de Enfermagem da UFRGS. Para isso, desenvolvemos um estudo pautado na metodologia da História Oral, com espaço-temporal entre os anos de 1950 e 1957, período de gestão das fundadoras. Foram entrevistados nove atores, que vivenciaram o período em questão, utilizando um roteiro semi-estruturado. O período foi marcado por características extremamente fortes no que concerne à formação moral rígida, controle, disciplina dos corpos, luta pela autonomia, resistência à dominação e um grau de exigência bastante elevado para as alunas, o que converge com o modelo nightingaleano de formação.

**Descritores:** História da enfermagem. Enfermeiras. Ensino. Filosofia em enfermagem.

### RESUMEN

Fundada en 1950, la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal del Rio Grande do Sul (UFRGS) fue la primera escuela de enfermería del Estado, siendo hasta hoy día, referencia en la formación de enfermeros en el sur de Brasil. El objetivo de esta investigación fue caracterizar el perfil del curso a principios de la década del 50 y analizar las influencias ejercidas por estas características en la creación y en la consolidación de la Escuela de Enfermería de la UFRGS. Para ello, desarrollamos un estudio basado en la metodología de la Historia Oral, con espacio temporal entre los años de 1950 y 1957, período de gestión de las fundadoras. Entrevistamos nueve protagonistas que vivieron durante el referido período, utilizando un guión semiestructurado. Encontramos que el período estuvo marcado por características extremadamente fuertes en lo tocante a la formación moral rígida, control, disciplina de los cuerpos, lucha por autonomía, resistencia a la dominación y un grado de exigencia muy elevado para las alumnas, lo que refleja el modelo nightingaleano de formación.

**Descriptores:** Historia de la enfermería. Enfermeras. Enseñanza. Filosofía en enfermería.

**Título:** Perfil de una escuela de enfermería del sur de Brasil en el período de las fundadoras.

### ABSTRACT

Founded in 1950, the Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Federal University of Rio Grande do Sul Nursing School – was the first nursing school in the State, being until today a reference in the education of nurses in southern Brazil. This research project is aimed at characterizing the profile of this course in the early 50's, and to analyze how these characteristics influenced the Nursing School's foundation and consolidation. For such purpose, a study was developed based on the methodology of Oral History within the time frame of 1950 and 1957, the management period of the founder. Nine protagonists that lived then were interviewed through a semi-structured script. It was found out that the period was marked by extremely strong features regarding a rigid moral education, control, body discipline, fight for autonomy, resistance against domination, and a quite high degree of requirements of the students converging into the Nightingale's model of education.

**Descriptors:** History of nursing. Nurses. Teaching. Philosophy, nursing.

**Title:** Southern Brazilian Nursing School's profile in the period of its founders.

<sup>a</sup> Artigo extraído da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2000.

<sup>b</sup> Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem da UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>c</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Escola de Enfermagem da UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>d</sup> Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Professor da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), campus Gravataí, Rio Grande do Sul, Brasil.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, os anos de 1950 a 1952 balizaram profundas mudanças educacionais. Iniciava-se o chamado ciclo da “educação para o desenvolvimento”, fruto da política do governo do presidente Getúlio Vargas, na tentativa de controlar a sociedade por meio do sistema educacional<sup>(1,2)</sup>. Do mesmo modo acontecia no Estado do Rio Grande do Sul (RS), à medida que o governador Ernesto Dorneles era companheiro de partido político de Getúlio Vargas, responsável pelo período do Nacionalismo Econômico<sup>(3)</sup>.

Do ponto de vista rio-grandense, a identificação dos principais problemas, enfrentados pelo Estado, pode ser sintetizada em três questões fundamentais: industrialização, êxodo rural, transportes e energia. Tais questões envolviam diretrizes político-partidárias, que, por sua vez, se revelavam associadas aos programas de desenvolvimento econômico que se apresentavam para o Brasil<sup>(4)</sup>.

O governo de Ernesto Dorneles, em sintonia com o populismo de Vargas, defendia a criação de oportunidades de trabalho para todos. Isto facilitava a emergência da profissão de enfermeira e seu espaço em nível universitário. Assim, junto a esse nacionalismo desenvolvimentista, nascia a primeira Escola de Enfermagem de nível universitário no Sul do País: a Escola de Enfermagem de Porto Alegre<sup>(5)</sup>.

Como consta no Diário Oficial de oito de agosto de 1950, na lei nº 1.254 de 04/04/50, a Escola de Enfermagem de Porto Alegre foi criada anexada à Faculdade de Medicina, onde permaneceu vinculada até 1968, quando, então, se tornou autônoma<sup>(5,6)</sup>.

As professoras Maria de Lourdes e Olga Verderese foram responsáveis, juntamente com o diretor da Faculdade de Medicina, pela fundação da escola, à qual a primeira estava vinculada. Inicialmente, o Curso de Enfermagem foi implantado com duração de 36 meses e com um programa teórico-prático intensivo que abrangia os turnos manhã e tarde, sendo que o limite do número de vagas era 20 e destinadas, somente, ao público feminino<sup>(3)</sup>.

A fundação da Escola de Enfermagem de Porto Alegre – atual Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – é um marco histórico que, como tal, ao ser investigado, trará dados relevantes ao debate, pois, até hoje, a escola é referência na formação de enfermeiros no sul do Brasil, o que motiva a discussão desse artigo. Frente à sua

importância e pioneirismo, questiona-se: quais os fatores que influenciaram na criação e na consolidação da Escola de Enfermagem da UFRGS?

Pretendemos, ainda, cotejar a evolução da Enfermagem no Rio Grande do Sul com a evolução da Enfermagem no mundo, estudando as influências que nortearam a criação da atual Escola de Enfermagem da UFRGS. Destacamos a necessidade dos estudos históricos em Enfermagem como forma de propiciar a discussão e lançar um novo olhar sobre esta, pois, como ciência, a História serve para compreender a trajetória da humanidade e provocar reflexões que mudem a realidade no presente e no futuro, justificando a realização dessa discussão.

## OBJETIVO

O objetivo desta investigação foi caracterizar o perfil do curso no início da década de 50 e analisar as influências exercidas por estas características na criação e na consolidação da Escola de Enfermagem da UFRGS. Não pretendemos realizar um estudo direcionado apenas a uma reconstituição histórica, mas a um conjunto de reflexões que nos remetem a questões pertinentes a esta temática, tais como as relações de gênero e poder na enfermagem.

## METODOLOGIA

Para respondermos à questão norteadora desse artigo, desenvolvemos um estudo pautado na metodologia da História Oral, com espaço-temporal entre os anos de 1950 e 1957, período de fundação e consolidação da atual Escola de Enfermagem da UFRGS e gestão das professoras Verderese.

A História Oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com as pessoas que testemunharam ou participaram de acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, a fim de se aproximar do objeto de estudo. Neste estudo, desenvolvemos o jugo da história oral temática, visto que nos permite, por meio de vivências e impressões pessoais, contar a história de um determinado grupo ou instituição<sup>(6)</sup>.

Na História Oral, as possíveis distorções ou falhas de memória emergentes no discurso do entrevistado, ao contrário de representarem um elemento negativo, assumem um significado fundamental para a investigação à medida que nos fazem perguntar por qual modo o entrevistado concebe o

pensamento de uma forma e não de outra, e por qual razão e em que medida sua concepção difere, ou não, dos outros depoentes<sup>(6)</sup>.

Entrevistamos nove atores que vivenciaram o período em questão, sendo que um fora funcionário administrativo, dois professores e seis foram alunos entre os anos de 1950 e 1957. Entrevistamos, intencionalmente, indivíduos em variadas funções na escola, no intuito de coletarmos informações em diferentes focos. Definimos o número de entrevistados pelo critério de saturação das informações obtidas. As entrevistas foram gravadas em fitas de áudio, após autorização prévia dos entrevistados e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todas as entrevistas foram realizadas no período de agosto a outubro de 2000, respeitando os princípios éticos conforme determina a Resolução 196/96<sup>(7)</sup>. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS.

Como instrumento, utilizamos um roteiro geral de entrevista, semi-estruturado, composto de perguntas abertas e fechadas. A análise dos depoimentos foi realizada por meio da análise temática, que consiste em identificar os núcleos de sentido que compõem a comunicação e na qual a presença ou frequência de aparição podem ter significado para o objetivo analítico escolhido<sup>(8)</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos depoimentos dos entrevistados, constatamos que o período foi marcado por características extremamente fortes no que concerne à formação moral rígida, controle, disciplina dos corpos, concentração e jogos de poder, conflitos, luta pela autonomia, resistência à dominação e um grau de exigência bastante elevado para as alunas. Sobre isso, essa formação moral rígida colaborava no processo de formação do *habitus* desejado para a enfermeira que seria oriunda da Escola de Enfermagem de Porto Alegre, convergindo com o modelo nightingaleano.

No padrão nightingaleano, a aluna deveria ser sóbria, honesta, leal, digna de confiança, pontual, calma, ordeira, correta e elegante. Esperava-se que desenvolvesse várias habilidades técnicas (cuidados com curativos, queimaduras, escaras, ferimentos, injeções, etc.). Esse sistema expandiu-se rapidamente, no princípio, na própria Inglaterra e países escandinavos, e, posteriormente, nos Estados Unidos e

no Canadá (modelo anglo-americano). O que se encontrava na Inglaterra, nesse período histórico, interferiu no ensino norte-americano, que, por sua vez, veio influenciar o ensino na enfermagem brasileira, sobretudo na Escola de Enfermagem Anna Neri e outras escolas paulistas (Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo e Escola de Enfermagem de São Paulo)<sup>(2,9)</sup>.

### Controle moral e disciplina dos corpos

Destacamos o disciplinamento e a regulação do modo de vida de seus agentes com o emprego de dispositivos que delimitavam o lugar que cada indivíduo deveria ocupar no espaço. Sobre isso, uma das entrevistadas relata que:

*A entrada era às 22 horas na residência, eu lembro que veio a professora [...] eu era jovem, gostava de namorar [...] saía e voltava mais tarde [...] tinha quem controlava tudo, se chegasse mais tarde ia para a direção [...] e ia para a discussão do corpo docente, ela não podia chegar tarde (ex-aluna e professora).*

Observamos que, para que as alunas incorporassem mecanismos disciplinares que promovessem sua elevação moral, eram elas obrigadas a morar na escola, sendo, assim, supervisionadas dia e noite, inclusive nos momentos de folga. Contudo, havia tentativas de transgressão pelas alunas, no sentido subverter as normas estabelecidas, pois elas, nem sempre, se conformavam com a vigilância e o controle a que eram submetidas. Sentiam-se cerceadas na sua liberdade, privadas de sua autonomia, conforme afirma uma ex-aluna:

*Era um regime militar. Era um regime extremamente severo e uma disciplina rigorosíssima, e eu te diria uma coisa, era muito antiquado, assim muito [...] em determinadas situações intolerantes [...] tínhamos sempre uma professora de enfermagem como acompanhante da turma, então era uma coisa assim extremamente desagradável tu teres uma pessoa que ficava na sala de aula como supervisora da tua conduta e observando se tu sentou direito, se falou em voz alta, em voz baixa, se cruzou as pernas e o joelho apareceu, coisas desse tipo, por que era uma obsessão das professoras [...] então havia assim um empenho um empenho muito grande pra mostrar que nós não éramos prostitutas e amantes de médico, que nós éramos moças recatadas, educadas e estudiosas, então nós podíamos fazer nada do que aquela que estava nos supervisionando achasse*

*inadequado dentro dos valores dela [...]. Numa outra ocasião, no estágio da Santa Casa, tem um corredor grande, eu tava num extremo e no outro extremo passaram estudantes de medicina, eram meus amigos e eu resolvi abanar, eu fui convidada a me retirar porque eu abanei, ah! Sim, eu abanei pro meu amigo que estava lá no outro extremo, isso não podia, não era conduta profissional (ex-aluna).*

Como as aulas teóricas eram, na sua maioria, ministradas pelos professores médicos e os estágios é que ficavam ao encargo das professoras enfermeiras, estas (formadas no padrão nightingaleano da Escola de Enfermagem Anna Neri) valorizavam as condutas e temiam por possíveis deslizos que pudessem comprometer o modelo adequado para uma enfermeira. Ainda mais, observando o fato de que as alunas estavam, no entendimento delas, expostas aos olhares atentos dos professores da Faculdade de Medicina, cuja opinião a respeito do comportamento das alunas era muito valorizada.

*Havia professoras muito severas, ainda naquele estilo Anna Neri, né, aquela seriedade, rigidez de caráter (ex-aluna).*

Enfatizamos que devido à incorporação de representações sociais negativas sobre ser mulher, ser enfermeira, e que por ser a enfermagem uma profissão feminina, as atividades desenvolvidas pela alunas tinham um valor menor no universo do trabalho em saúde, regido por valores mais identificados ao mundo masculino<sup>(10)</sup>. Assim, as alunas necessitavam adquirir uma postura irretocável.

Esse modelo implantado na Escola de Enfermagem de Porto Alegre, com base nos moldes anglo-americanos, continha os instrumentos necessários à construção de uma identidade da enfermeira de acordo com o ideal da enfermagem moderna. Um dos instrumentos de disciplina mais investidos foi o controle dos corpos, uma relação de mão dupla entre obediência e utilidade. Sobre isso, a disciplina não se pode identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, comportando um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma física ou uma anatomia do poder, uma tecnologia. Nesse aspecto, a disciplina é uma forma de pressão constante para submeter os corpos a docilidades, para que sejam todos obrigados à subordinação<sup>(11)</sup>.

Na Escola de Enfermagem de Porto Alegre havia, também, uma espécie de governanta, a mordoma que, além de gerenciar a residência, era a responsável pelo controle e vigilância das alunas. Assim, o internato e a figura da mordoma propiciavam um controle intenso sobre os corpos e a formação do *habitus* desejável, como se observa no relato:

*A pessoa que era a mordoma, ela que fazia o policiamento, elas eram bastante vigiadas. Ah, eram policiadas com horários, pra entrar lá na residência não tinha como, os rapazes que queriam namorar lá iam namorar lá na sala de visita, cheia de gurias. E sair pra namorar também não podiam, era uma dificuldade porque algumas queriam muito, tinham falta disso e aí se rebelavam porque queriam sair, voltar mais tarde, namorar. Mas não deixavam, fechavam a porta e pronto (ex-funcionária).*

Desse modo, a questão do controle vai além da conduta no âmbito público e invade o privado. Exercendo o seu poder, as professoras e diretoras vigiavam as alunas e consideravam que o comportamento destas (refreamento da sexualidade e necessidade de uma moral inabalada) era o normalmente esperado de uma boa enfermeira, reproduzindo o perfil de mulher e enfermeira preconizado pelo modelo nightingaleano.

Essa introjeção do *habitus* foi explicitada, em diversos momentos, no decorrer das entrevistas.

*[...] eu fui adotando essa idéia que eu tinha que ter um determinado tipo de postura, de conduta para mudar essa imagem ruim da enfermeira, porque a essas alturas eu entrei no padrão para valorizar (ex-aluna).*

Voltando ao internato, destacamos que essa vigilância adotada pela instituição impõe limites e obediência que não permitem questionamentos dos alunos. A Instituição Total é responsável pela mortificação do eu do indivíduo, despojado de sua liberdade de escolha e de seu ritmo de vida habitual. As instituições desse tipo são estufas para recriar pessoas; cada uma é experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu, no qual se dá uma desconstrução e reconstrução permanente do eu padronizado<sup>(12)</sup>.

### **Grau de exigência e luta pela autonomia**

De igual maneira, era muito elevado o grau de exigência em relação à rotina de trabalho das alunas.

Os depoimentos revelam uma rotina exaustiva, espartana, um regime de dedicação exclusiva ao curso.

*Era rígido, era germânico. Elas estudavam praticamente 12 horas por dia, estágio e teoria (ex-funcionária).*

*Nós tínhamos os uniformes, a residência gratuita, transporte gratuito e as professoras também residiam ali. Em contrapartida, nós tínhamos que levantar às 06, um pouco antes das 07 nós tínhamos que estar no hospital [...] das 07 as 13, porque nós também passávamos plantão. Trabalhávamos, podíamos dizer, das 07 as 13. Depois às 14 tinha aula, durante a tarde até às 06. Nos restava a noite e os fins de semana para estudar. Era intensivo mesmo, 4 anos de intensivo (ex-aluna e professora).*

Assim, a rotina das estudantes iniciava cedo; às 06 horas, elas acordavam e tinham que estar, às 07 horas, no campo de estágio.

*[...] era um regime ditatorial, militar, impositivo, de coação, não havia a possibilidade de discussão e alguma flexibilidade de postura [...] também, todo o curso nós tivemos tempo integral e dedicação exclusiva (ex-aluna).*

Esse grau de exigência estava ligado, provavelmente, ao perfil das diretoras da escola, que eram pessoas muito minuciosas, perfeccionistas e exigentes (características do modelo anglo-americano)<sup>(2)</sup>. Esses traços de personalidade marcaram as pessoas que conviveram com elas, como verificado no seguinte depoimento:

*Elas eram umas pessoas muito eficientes, uma barba-ridade, e exigiam. Olha, eu também não tendo o curso de enfermagem, mas eu também fui moldada por elas [formação de habitus]. Eu tinha 18 anos, primeiro emprego, eu fui moldada por elas; hoje eu sou uma pessoa exigente, dinâmica, graças a elas. Eu fui educada por elas, até porque, claro, elas tiveram essa influência, elas eram umas pessoas muito exigentes, pela perfeição, tinha que ser perfeitinho. Isto é uma característica forte, marcante na direção delas. [...]. A diretora era uma pessoa detalhista, assim, nada podia sair errado, tudo certinho, nada pra elas podia dar errado, tudo correto (ex-funcionária).*

Indubitavelmente, a introjeção desses valores apreendidos, no decorrer da convivência com as diretoras, fez com que houvesse, também, um processo

de identificação. Talvez um orgulho de ser igual ao modelo de quem tem poder, pois é um modo de ser que demonstra sucesso e gera admiração e respeito.

Além disso, evidencia-se, nos primeiros anos da Escola de Enfermagem de Porto Alegre, a utilização do aprendizado no trabalho, assemelhando-se com o que ocorria em uma escola vinculada a uma fábrica na França, em 1667. Essa escola francesa tinha como objetivo educar e instruir crianças para, posteriormente, encaminhá-las à aprendizagem junto aos diversos mestres da manufatura. Os alunos, após um período de estudo e aprendizagem na escola e na fábrica, e depois de uma prova qualificatória, adquiriam o direito de “erguer e manter a loja” em qualquer cidade do reino. A organização, em séries, e a avaliação dos progressos, em um tempo evolutivo, completam o esquema disciplinar<sup>(11)</sup>.

*[...] nós íamos dar cuidados para eles [os pacientes]. E cuidado significava dar higiene pela manhã, banho de leito era sempre, não interessava se tinha condições ou não. E quanto mais eu fizesse, mais habilidade deu teria. Colocar comadre, papagaio, controle hídrico, lavar a cabeça do paciente acamado e depois fazer curativo, instalar soro, essas coisas assim. Não diversificava muito, não sei quantos baldes, bacias. Era muito repetitivo, era sempre o ritual clássico do banho, lavar a cabeça no leito, fazer higiene oral, etc (ex-aluna).*

Assim, verifica-se que o modelo de rotinas de tarefa atendia a um modo de fazer bastante singular da enfermagem: o “saber-fazer”. Com isso, havia tentativas de contestação às normas e ao sistema estabelecido na tentativa de autonomia, pois algumas alunas se insurgiam, inconformadas com a rigidez, como uma aluna que se sentia, inclusive, perseguida por demonstrar ousadia.

*Houve um momento em que eu me rebelei contra o tipo de exigência, eu me insurgi. Na verdade eu era a única que argumentava (ex-aluna).*

Porém, no entendimento de outra aluna daquele período, esta **disciplina** e este **alto nível de exigência** auxiliavam na formação ética e moral adequada, pois

*[...] era uma escola que preparava para a doação e a entrega. A escola ajudava a formar isso aí (ex-aluna).*

Como verificamos, controlar os corpos, as presenças e as ausências, permitir e proibir na medida

que consideravam certa, os rituais diários, a regularidade e o rigor no controle dos corpos e do tempo se colocavam no regulamento que se tornou a base do cotidiano da formação da escola, contestado pela maioria, mas não pela totalidade das alunas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como preconizava o padrão de Florence Nightingale e, conseqüentemente, da Escola Anna Neri, a Escola de Enfermagem de Porto Alegre adotou o modelo conservador de educação, na perspectiva da formação moral rígida e disciplinamento dos corpos, utilizando o internato que auxiliava na formação do *habitus*.

O processo de formação profissional da escola obedecia aos critérios da época, reproduzindo modelos, que estavam inculcados ideologicamente e que serviam para legitimar o discurso da busca de elevação moral da enfermagem. Buscava-se um padrão digno para a enfermagem, fazendo das alunas enfermeiras capacitadas e respeitáveis.

O rigorismo, o alto grau de exigência, o controle e a disciplina reconheciam os moldes de educação da época, estando atrelados aos princípios do padrão nightingaleano.

### REFERÊNCIAS

- 1 Bezerra MRM, Baptista SS. A criação da escola de enfermeiras Luiza Marillac: estratégia para a manutenção do poder da igreja católica nos espaços hospitalares. Escola Anna Neri Revista de Enfermagem 2002;6(2):241-53.
- 2 Souza AR, Baptista SS. A adoção do modelo anglo-americano de ensino de enfermagem na capital paulista. Escola Anna Neri Revista de Enfermagem 2002;6(2):211-27.
- 3 Fertig A. Missão Verderese: resgatando a fundação da Escola de Enfermagem da UFRGS [dissertação]. Porto Alegre: Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2000.
- 4 Pesavento SJ. História do Rio Grande do Sul. 8ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto; 1997.
- 5 Presidência da República (BR). Lei n. 775/49, de 6 de agosto de 1949: dispõe sobre o ensino de enfermagem no país e dá outras providências. In: Santos EF, Santos EB, Santana GO, Assis MF, Meneses RO. Legislação em enfermagem: atos de enfermagem. São Paulo: Ateneu; 1997. p. 122-4.
- 6 Alberti V. Manual de história oral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2004.
- 7 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comitê Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. Resolução 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília (DF); 1997.
- 8 Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
- 9 Carvalho AC. Orientação e ensino de estudantes de enfermagem no campo clínico [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1972.
- 10 Pereira WR. As relações de poder no universo de enfermeiras docentes. Revista Gaúcha de Enfermagem 1999;20(1):41-56.
- 11 Foucault M. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. 11ª ed. Petrópolis: Vozes; 1987.
- 12 Goffman E. Manicômios, prisões e conventos. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva; 1982.

---

Endereço da autora / Dirección del autor /  
Author's address:

Adriana Fertig  
Rua São Manoel, 963  
90620-110, Porto Alegre, RS  
E-mail: [adrihungara@terra.com.br](mailto:adrihungara@terra.com.br)

Recebido em: 03/04/07  
Aprovado em: 22/10/2007